

OS EVANGELHOS SINÓTICOS: ANÁLISE LITERÁRIA E TEOLÓGICA

Professor:
Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro

DIREÇÃO

Reitor Wilson de Matos Silva
Vice-Reitor Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de Administração Wilson de Matos Silva Filho
Pró-Reitor de EAD William Victor Kendrick de Matos Silva
Presidente da Mantenedora Cláudio Ferdinandi

NEAD - NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diretoria Executiva Pedagógica Janes Fidelis Tomelin
Diretoria Operacional de Ensino Kátia Coelho
Diretoria de Planejamento de Ensino Fabrício Lazilha
Head de Projetos Educacionais Camilla Barreto Rodrigues Cochia Caetano
Head de Produção de Conteúdos Celso Luiz Braga de Souza Filho
Gerência de Produção de Conteúdos Diogo Ribeiro Garcia
Gerência de Projetos Especiais Daniel Fuverki Hey
Supervisão do Núcleo de Produção de Materiais Nádila de Almeida Toledo

Projeto Gráfico Thayla Guimarães
Designer Educacional Rossana Costa Giani
Editoração Bruna Stefane Martins Marconato / Ellen Jeane da Silva
Qualidade Textual Diego Delavega Marques de Oliveira

C397 **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**. Núcleo de Educação a Distância; **CARNEIRO**, Marcelo da Silva.

Evangelhos. Marcelo da Silva Carneiro.
Maringá-Pr.: UniCesumar, 2017.
36 p.
"Pós-graduação Universo - EaD".
1. Bíblico. 2. Evangelhos. 3. EaD. I. Título.

CDD - 22 ed. 226.5
CIP - NBR 12899 - AACR/2

As imagens utilizadas neste livro foram obtidas a partir do site **shutterstock.com**

NEAD - Núcleo de Educação a Distância
Av. Guedner, 1610, Bloco 4 - Jardim Aclimação - Cep 87050-900
Maringá - Paraná | unicesumar.edu.br | **0800 600 6360**

sumário

01 06| OS EVANGELHOS SINÓTICOS: QUESTÕES GERAIS

02 10| MARCOS E A GUERRA JUDAICO-ROMANA

03 15| MATEUS E O NOVO ISRAEL

04 21| LUCAS-ATOS E O EVANGELHO PARA TODOS

OS EVANGELHOS SINÓTICOS: ANÁLISE LITERÁRIA E TEOLÓGICA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender por que Mateus, Marcos e Lucas são chamados de Sinóticos e os aspectos mais importantes sobre eles.
- Conhecer o contexto imediato da comunidade que gerou o Evangelho de Marcos e os aspectos literários e teológicos mais importantes do livro.
- Conhecer o contexto imediato da comunidade que gerou o Evangelho de Mateus e os aspectos literários e teológicos mais importantes do livro.
- Conhecer o contexto imediato da comunidade que gerou o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos, em seus aspectos literários e teológicos mais importantes do livro.

PLANO DE ESTUDO

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Os Evangelhos Sinóticos: questões gerais
- Marcos e a guerra judaico-romana
- Mateus e o novo Israel
- Lucas-Atos e o Evangelho para todos

INTRODUÇÃO

Continuando nosso estudo, agora chegou o momento de estudarmos os Evangelhos em si, analisando sua organização literária e a teologia de cada um. Aqui estudaremos os três primeiros: Mateus, Marcos e Lucas, conhecidos também como Evangelhos Sinóticos. Por isso, você aprenderá o porquê do uso desse termo para esses três Evangelhos.

Além disso, vamos adentrar algumas discussões importantes, como a autoria de cada Evangelho, assunto que tem sido discutido pelos acadêmicos há mais de um século. Outro aspecto importante é o processo de composição, ou seja, como eles foram escritos e em que data. O contexto que já vimos anteriormente será muito importante para entender essa parte, então se achar melhor, faça uma revisão antes de continuar.

Depois de uma visão geral sobre os três será o momento de analisar um por um, começando pelo Evangelho de Marcos (sugerimos aqui que você tenha à mão uma Bíblia para pesquisar os diversos textos que serão indicados). Veremos que o Evangelho de Marcos é fruto de uma comunidade marcada pela Guerra Judaica em diversos aspectos, mas que busca na memória sobre Jesus a esperança para continuar seu testemunho. Na teologia de Marcos, veremos aspectos importantes, como a forma que o Evangelho retrata Jesus, a posição frente ao império romano e aos demais grupos judaicos.

Depois de Marcos, veremos Mateus, pensando que ele está num momento posterior à Guerra dos Judeus. Estudaremos alguns aspectos interessantes, como a estrutura em cinco blocos de discurso, que você poderá verificar comparando com sua Bíblia. Além disso, indicaremos a maneira como Mateus descreve Jesus e a Igreja.

A última parte de nosso estudo será com a obra dupla Lucas-Atos, que consideramos ser da mesma autoria, assim como a maior parte dos acadêmicos. Para confirmar isso, analisaremos que Lucas-Atos tem diversos aspectos literários e teológicos em comum, além de repetições de ideias e imagens que não estão nos outros Evangelhos.

Bom estudo.



Figura 1: Afresco neo-gótico de Leopold Bruckner (1905 - 1906) na Igreja de São Nicolau. Na representação estão os quatro evangelistas associados aos quatro seres viventes de Ap 4.7: Mateus é o leão, Marcos o boi, Lucas o anjo e João a águia.

OS EVANGELHOS SINÓTICOS: QUESTÕES GERAIS

Iniciando nossos estudos sobre os Evangelhos, começaremos falando de Mateus, Marcos e Lucas, que são conhecidos como Evangelhos ***Sinóticos***. Para nos guiar nessa trajetória, tentaremos responder três perguntas: 1) Por que Mateus, Marcos e Lucas receberam o nome de Evangelhos Sinóticos? 2) Quem são os autores desses Evangelhos? Será que são mesmo Mateus, Marcos e Lucas? 3) Como eles foram redigidos e em que época?

Desse modo, você terá uma visão panorâmica de cada um deles, que ajudará na compreensão dos textos.

O nome Evangelhos Sinóticos

Desde praticamente o início, Mateus, Marcos e Lucas foram lidos em conjunto. Isso ocorreu porque há muitas semelhanças. Mas o termo Sinóticos só foi adotado depois de 1776, depois que o pesquisador alemão J.J. Griesbach publicou a obra ***Synopsis Evangeliorum*** [Sinopses do Evangelho], conforme a informação de Marconcini (2001). Nessa obra, ele colocou cada evangelho em uma coluna e, assim, pode ter um olhar conjunto (daí a palavra sinopse, em grego significa "olhar conjunto"). Com isso, esses três evangelhos passaram a ser denominados na pesquisa como "Evangelhos Sinóticos".

O estudo sobre os três passou a ser denominado de "a questão sinótica". Kümmel diz que "Mateus e Lucas têm o material mais rico do que Marcos. Mesmo assim, os três coincidem na descrição da atividade de Jesus" (1982, p. 41). Vários blocos, que seriam vários trechos reunidos, são iguais e as partes aparecem do mesmo modo. Até mesmo a linguagem e o estilo são semelhantes. Com isso, Kümmel diz que "à vista dessas semelhanças, a conclusão parece se impor: os sinóticos, de alguma maneira, parecem depender literariamente uns dos outros" (1982, p. 42).

Essa tem sido a tônica da pesquisa. Praticamente todos os livros sobre os Evangelhos que você ler terão essa mesma abordagem, de dependência literária, que eu chamo aqui de ***dependência direta da escrita***. Mas o próprio Kümmel e vários outros percebem que também há muitas diferenças entre os três. Eles estão longe de ser cópias um do outro. Cada um tem suas partes exclusivas e outras até que são diferentes mesmo.

Muito se tem falado sobre como se deu essas semelhanças e diferenças. Em nosso estudo, você já deve ter percebido qual o caminho trilhamos: da memória comunitária. Isso tem algumas implicações:

1. Os Evangelhos são produto de comunidades e não de pessoas individuais.
2. Os Evangelhos são resultado da Tradição de Jesus, que, por sua vez, foi elaborada pela memória comunitária.
3. Os Evangelhos não são iguais por coincidência, mas por dois fatores: trocas de experiências e até de textos e porque as tradições estavam muito bem consolidadas.

Autoria dos Evangelhos

Quando falamos que os Evangelhos são resultado da atividade comunitária e não de indivíduos, queremos dizer que não sabemos quem escreveu. Esse é um ponto obscuro em sua composição que a tradição deu sua solução no séc. 2 d.C. Segundo Richard Bauckham (2011), o indício sobre isso se dá com Papias de Hierápolis, que é citado por Eusébio de Cesareia na ***História Eclesiástica***. A obra original se perdeu, por isso a fonte que temos são as citações de Eusébio.

Em sua obra, Papias é o primeiro a associar os evangelhos aos autores e, a partir daí, a Igreja adotou os nomes de Mateus, Marcos e Lucas, bem como João, aos redatores dos Evangelhos. Da forma que ele escreveu, dá a entender que realmente os três tiveram ampla liberdade de decisão na forma como escreveram, como se não houvesse uma comunidade por trás deles. Desse ponto, a pesquisa, nos séculos seguintes, acabou acompanhando a lógica de Papias: os autores são apóstolos ou estão ligados a eles. Esse, aliás, foi um dos critérios para canonização dos textos do Novo Testamento. Daí a importância de se estabelecer os nomes por trás dos livros.

Ocorre que os manuscritos mais antigos não traziam os nomes dos autores, logo, não há provas que foram eles que escreveram. Por outro lado, nossa concepção da formação dos Evangelhos abre mão de um autor identificado, pois os escribas que, efetivamente, colocaram por escrito podem até ter sido contratados para isso. O mais provável é que fossem membros da comunidade, claro, mas o fato é que isso não é determinante. A exceção pode ser o Evangelho de Lucas, tendo em vista o texto de Lc 1.1-4 e At 1. 1-2. Mesmo assim, manteremos a nomenclatura por facilitar a associação e já ter o uso consagrado.

Processo de composição e datação

Considerando tudo o que já falamos, entendemos que a composição dos Evangelhos Sinóticos se deu pela seleção dos materiais recebidos, em sua maioria via oral, mas já definidos como Tradição de Jesus, sendo que com a possibilidade de alguns fragmentos e trechos colocados por escrito. Além disso, podemos pensar que o primeiro

Evangelho escrito circulou pelas outras comunidades, foi lido em público e pode realmente ter influenciado a ordem de como a Tradição foi escrita pelos outros. Isso não quer dizer ***dependência direta da escrita***, mas ***interdependência escrita e oral***, um processo dinâmico do qual temos apenas vestígios, porque nada há escrito que nos informe como era feito.

Tendo definido isso, vamos trabalhar com as seguintes datações, que são coerentes com vários autores, como Koester (2005) e Kümmel (1982):

O Evangelho de Marcos foi escrito no final da década de 70, pouco antes da destruição do Templo. Koester fala em poucos anos depois, mas as evidências indicam que foi antes.

Mateus e Lucas surgiram nas décadas de 80 a 90. Talvez o Evangelho de Mateus tenha sido escrito até um pouco antes, a partir de 75. Mas Lucas certamente só depois de 80, pois há indícios de que ele já conhecia Marcos e Mateus. Com isso, temos um período que vai de 70 a 90 em que as comunidades trabalharam de forma bastante firme para registrar suas versões da Tradição de Jesus.

saiba mais

Para conhecer com mais detalhes as teorias dos pesquisadores sobre a origem dos Evangelhos, veja no livro de Marcelo Carneiro, "Os Evangelhos Sinóticos", especialmente o capítulo 1, p. 48-54.
Fonte: o autor.

Além do que foi apontado acima, temos que considerar alguns aspectos contextuais que certamente influenciaram todas as comunidades cristãs nesse período. Primeiro, a maioria dos apóstolos já tinha morrido, sendo que Paulo e Pedro foram martirizados em Roma, segundo a tradição dos Pais da Igreja. Por outro lado, o martírio deles e de vários outros cristãos, em vários lugares, mostrou para as comunidades as verdadeiras implicações de seguir a Cristo. Essa consciência, aliás, só irá aumentar nas décadas seguintes.

Tendo, então, considerado esses aspectos gerais, podemos passar à análise de cada Evangelho, em seus aspectos literários e teológicos.



Figura 2: Mapa de 1836 mostrando a Palestina do séc. 1 d.C. Jerusalém está indicada ao sul, com a seta voltada para a direita, enquanto Pela está mais ao norte, indicada por uma seta voltada para a esquerda.

Fonte: Shutterstock. Imagem adaptada. ID da imagem original: 33893077.

MARCOS E A GUERRA JUDAICO-ROMANA

Mais que apresentar a história sobre Jesus, o Evangelho de Marcos quer provocar a fé nos leitores/ouvintes, considerando já a primeira afirmação do livro: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus" (1.1). Esse foi o motivo pelo qual o texto ficou conhecido como Evangelho: ele mesmo se apresenta desse modo.

Motivação para a composição

Se você parou pra pensar na datação de Marcos e o título que indicamos para nosso estudo, vai perceber que Marcos tem muito a ver com a Guerra Judaica. A comunidade de Marcos pode ser originária de Jerusalém e, motivada tanto pela morte de Tiago em 62 quanto pelo início do conflito em 66, mudou-se da cidade para a cidade de Pela.

Nesse clima de incerteza com a guerra e as legiões romanas comandadas por Vespasiano destruindo a Galileia e avançando rumo a Jerusalém, Pela parece ser uma alternativa razoável. Era uma cidade helenística da Decápolis, fora da jurisdição da Judeia e que ficava além do Jordão, ou na Transjordânia, como se fala hoje. Assim, o risco de ser invadida pelos romanos era mínima.

Segundo alguns pesquisadores como Ched Myers (1992), foi nesse ambiente de horror e medo que o Evangelho foi escrito, justamente para alimentar a esperança no Messias salvador. Mesmo que a comunidade não resistisse, seu legado permaneceria, pois as memórias e a Tradição de Jesus agora estariam preservadas por escrito e poderiam, inclusive, alcançar outras províncias do império. Assim como Cristo estava vivo, a mensagem da comunidade de Marcos também permaneceria viva. E realmente foi o que aconteceu.

Estrutura literária

Segundo Kümmel (1982), podemos identificar uma estrutura bem simples em Marcos, a partir dos dados geográficos: a narrativa começa com Jesus sendo batizado no Jordão por João Batista (1.1-13), depois vai para a Galileia onde exerce seu ministério itinerante (1.14-9.50), passa pelo Jordão e Jericó (10.1-52) até que entra em Jerusalém, onde é preso e executado pelas autoridades, para depois ressuscitar (11.1-16.20). Samaria, que é bastante citada em Lucas e João, nem aparece aqui.

Por isso, é possível falar de uma teologia narrativa, em que até os elementos geográficos e topográficos (monte, mar, caminho, deserto, casa, cidade, etc.) são elementos simbólicos para anunciar a mensagem.

Outro aspecto importante é que Marcos é muito enxuto e deixa de fora uma série de ensinamentos de Jesus que aparecem em Mateus, Lucas e até João. Pensando em seu contexto, é possível pensar que eles precisaram escrever apenas o essencial. Por isso, deixaram apenas os ensinamentos mais centrais, que estavam vinculados a histórias marcantes. Além disso, dedicaram quase um capítulo completo (cap 4) para mostrar o uso de parábolas por Jesus, não esgotando, mas exemplificando.

Aspectos teológicos

A partir da estrutura de Marcos, do contexto histórico em que ele nasceu e da forma como foi escrito, podemos indicar alguns temas teológicos presentes no livro:

Uma teologia evangélica

"Evangelho" significa uma mensagem boa, de esperança, para os ouvintes/leitores(as). Por isso, a vinda do reino de Deus é tão importante. Nas diversas narrativas, Jesus é mostrado sinalizando a vinda do reino por ações ou ensinos. Alguns exemplos:

- Curas e exorcismos (1.21-2.12), mostrando o poder libertador e salvador de Deus em Jesus.
- Os ensinos de parábolas (4.1-9), ensinando verdades sobre o reino.
- O milagre dos pães (6.30-44;8.1-10), em que o tema da comensalidade aparece com força.

Mesmo quando Jesus vai pra morte, o livro mostra que há esperança, porque é necessário que isso aconteça (cf. 8.31).

Uma teologia messiânica

A mensagem evangélica de Marcos não deixa dúvida: Jesus é o Cristo, o Messias esperado. Por isso, há muitas narrativas messiânicas, que apontam a identidade de Jesus e sua filiação divina:

- O batismo de Jesus e tentação de Jesus, aqui bem sucinta e sem diálogo com o diabo (1.9-13).
- Acusação de Jesus ter o poder de Belzebu (3.20-30), mostrando como outros grupos judaicos viam Jesus e seus discípulos.
- A rejeição em Nazaré (6.1-6), indicando que mesmo o Messias podia ser rejeitado.
- O poder sobre a tempestade (4.35-41) e a caminhada sobre a água (6.45-52), indicando a filiação divina dele.
- Confissão de Pedro, prenúncio da morte e transfiguração (8.27-9.13).
- Entrada messiânica em Jerusalém (11.1-11,27-33).
- Relatos da Paixão (14-16), como já dissemos, a mensagem mais importante da igreja.

Uma teologia anti-imperial

A comunidade do Evangelho de Marcos não entrou na guerra. Mas isso não quer dizer que estavam apoiando os romanos, muito pelo contrário. Nessa perspectiva anti-imperial, a filiação divina coloca Jesus no mesmo nível de César (culto imperial) ao mesmo tempo em que o coloca como messias divino para os judeus. Ou seja, a messianidade de Jesus é de fato uma afronta ao império romano. Alguns textos com motivo anti-imperial:

- Bloco do domínio sobre o mar, o ***Mare Nostrum*** (4.1-2,35-39).
- Uma cena irônica é a do exorcismo de um endemoninhado possuído por uma Legião, que foi lançada para dentro de porcos, que, por sua vez, se jogam no mar (5.8-13). Parece antecipar que o império romano em algum momento iria implodir diante da fé cristã, fato que se deu 3 séculos depois.

- Jesus caminhando sobre o mar, indicando que ele está acima do império (6.45-52).
- A questão do imposto, em que ele responde "dai a César o que é de César" (12.13-17). Afinal, o que é de César? Pela forma como ele continua, falando "dai a Deus o que é de Deus", apenas aquela moeda era de César, nada mais.
- O reconhecimento do centurião na cruz, de que Jesus é o Filho de Deus (15.39). Nesse caso, seria o testemunho de um opressor sobre o Messias.

Um teologia judaico-cristã

O Evangelho de Marcos também tem outro objetivo: as narrativas afirmam a identidade da comunidade dentro da fronteira com o judaísmo, considerando que Jesus não fundou uma nova religião. Nessas narrativas, os fariseus tornam-se tipos exemplares negativos. Exemplos:

- A guarda do sábado (2.23-3.6).
- A família de Jesus (3.31-34).
- A missão dos Doze (6.7-13).
- Confronto com a tradição dos fariseus (7.1-23).
- A pregação e a pessoa de João Batista, precursor de Jesus (1.1-8; 6.14-29), que seria aqui um diálogo com os essênios.
- O subtexto anti-templo (11.12-21); quando amaldiçoa a figueira (11.12-14), para depois purificar o Templo (11.15-19), sendo que depois os discípulos confirmam a maldição (11.20-21). Seria então a previsão da ruína da estrutura sacerdotal?
- Também como subtexto anti-templo, temos o discurso apocalíptico (13.1-13) e o evento de 15.38, quando o véu do templo se rasga, no momento em que Jesus morreu.



Figura 3: Rabino lendo o Pentateuco, a Torá de Moisés. O Evangelho de Mateus foi elaborado como uma nova Torá, a de Jesus.

MATEUS E O NOVO ISRAEL

Desde sempre, Mateus foi considerado o Evangelho mais judaico (por usar reino dos Céus em vez de reino de Deus, por exemplo). Mas percebemos aqui que ele é tão judaico quanto Marcos e tão evangélico quanto o primeiro Evangelho. Vejamos alguns aspectos sobre ele:

Motivação para a composição

O ano é 70 d.C. A notícia da destruição do Templo cai como uma bomba na cabeça de todos os judeus da Palestina e vai se alastrando para outras partes da Diáspora. O que faremos agora? Pensam os sábios e líderes judaicos. A alternativa é manter a fé, mesmo sem o Templo. Por isso, as sinagogas da Judeia e Galileia passam a ter mais destaque e os anciãos começam a discutir o que será do judaísmo daí em frente. É nesse cenário que a comunidade de Mateus se levanta para escrever seu Evangelho.

A comunidade de Mateus também está na Palestina, provavelmente na Galileia (há quem pense em Séforis, mas não há provas). Já conheciam o Evangelho de Marcos a essas alturas, mas querem elaborar sua própria memória. Com o fim da guerra, mesmo diante da crise, a sensação é de que a vida continua e é preciso organizá-la. As velhas respostas já não dão conta. Por isso, o texto mais central do Evangelho de Mateus, neste sentido, está em Mt 13.52: "todo escriba instruído no Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas". Esse trecho, exclusivo de Mateus, se encaixa perfeitamente na motivação da comunidade em escrever o texto.

Se outros grupos judaicos estão discutindo o que será do judaísmo, por que não os seguidores de Jesus, chamados de cristãos, mas tão judeus quanto os demais. Não se sabe se nesse período ainda existiam os fariseus, mas seja como for, os líderes que permaneceram formaram uma coalizão, com o fim de dar esse direcionamento, e é certo que fariseus também fizessem parte dele. Aí está o motivo de tanto problema do Evangelho de Mateus com os fariseus e os escribas deles: disputa de espaço e busca de uma posição dentro do conjunto maior do judaísmo. O Evangelho de Mateus então é pensado a partir disso. Por isso, Warren Carter vai considerar esse Evangelho de uma "contranarrativa" (CARTER, 2002, p.15), contra a sinagoga e o poderio imperial romano.

Estrutura literária

Dois aspectos ressaltam no Evangelho de Mateus: a estrutura com 5 blocos de ensino e o material exclusivo.

Estrutura de 5 blocos de ensino – a Torá Messiânica

A comunidade de Mateus realizou um belo trabalho de organização textual, que pode ser comparado com a Torá. Separaram as narrativas sobre Jesus dos ensinos propriamente dito. Mateus é, por isso mesmo, o Evangelho mais fácil de ser memorizado. Dentro da perspectiva oral, é um texto que nasceu para facilitar os ouvintes/leitores a guardar seu conteúdo. Note abaixo como se organiza:

1-4. Narrativa: Nascimento e Inícios
- *5-7. Discurso: Bem-aventurados, entrai no Reino*

8-9. Narrativa: Autoridade e convite
- *10. Discurso: Discurso da Missão*

11-12. Narrativa: Rejeição pela sua geração
- *13. Discurso: Parábolas do Reino*

14-17. Narrativa: Reconhecimento pelos discípulos
- *18. Discurso: Disciplina da Comunidade*

19-22. Narrativa: Autoridade e convite
- *23-25. Discurso: Aflições, chegada do Reino*

26-28. Narrativa da Paixão: Morte e Ressurreição

Essa estrutura tem também um propósito bem adequado diante do contexto que viviam: essa é a nova Torá de Jesus, que amplia a Torá de Moisés, conforme podemos verificar no bloco dos cap. 5-7, chamado de Sermão do Monte. O início dos ensinos de Jesus no Evangelho de Mateus são as bem-aventuranças, um convite ao convívio fraterno no Reino.

No fim, Mateus acompanha Marcos na Narrativa da Paixão, além de várias outras narrativas, mostrando como essa Tradição já estava consolidada.

O material exclusivo de Mateus

O Evangelho de Mateus traz uma série de materiais exclusivos, que, na maioria dos casos, devem ser memórias que as outras comunidades até conheciam mas não registraram, por algum motivo. São eles:

- *Relato do nascimento* (1.1-25): a genealogia e a história de José é uma resposta ao problema da mãe de Jesus. Havia uma grave suspeita sobre isso, como mostra Eduard Schweizer (2001).

- *Relato dos magos* (2.1-12): uma narrativa singular que tem como objetivo mostrar a universalidade do Messias. Os ***magos*** representam os sacerdotes de religiões orientais que buscam conhecer os eventos na terra, olhando para o céu. Segundo Carter (2002), a tradição judaica sempre os vê negativamente.

- *A nova Torá* (5.17-48): Jesus afirma: "Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar; mas para cumprir" (5.17). Lei e Profetas eram os dois blocos literários que, até ali, já eram canônicos para os judeus. E Jesus, em Mateus, afirma que não veio romper com essa tradução, mas cumprir. Esse verbo vem do grego ***plerôssai***, e quer dizer "completar" ou "dar pleno" sentido à Torá de Moisés, como indicado na próprias estrutura do Evangelho.

- *Pagamento do imposto do Templo* (17.24-27): o Evangelho de Mateus dá muita ênfase à linguagem econômica. Além do imposto do César, ele mostra o problema do imposto do Templo, o que, para Ulrich Luz (2001), essa passagem é um reforço de Mateus para mostrar a solidariedade de Jesus com os empobrecidos israelitas, em função dos muitos impostos.

- *O relacionamento correto na comunidade* (18.15-20): além de ser o único Evangelho que usa a palavra ***ekklesia*** (igreja), Mateus tem um bloco só para tratar da relação da comunidade. Nele, um trecho exclusivo mostra que a disciplina tem profunda relação com o perdão.

- *Parábola do servo incompassivo* (18.23-35): ainda nesse mesmo bloco, Mateus apresenta uma parábola exclusiva sobre o perdão. Mais uma vez, o que está em jogo é a questão do dinheiro, por causa de uma dívida.

- *Parábola dos trabalhadores na vinha* (20.1-16): uma curiosa parábola que mostra a graça radical em contraste com a ideia de mérito próprio. Além disso, segundo Luise Schottroff (2007), é uma parábola que deve ser entendida escatologicamente.

- *Parábolas apocalíptico-escatológicas* (25): o Evangelho de Mateus tem um tom apocalíptico muito forte e, nesse capítulo, ele mostra isso com bastante veemência, contando parábolas de cunho apocalíptico em que o componente escatológico está bem presente.

Aspectos teológicos

Na elaboração de seu Evangelho, a comunidade de Mateus se aproxima de vários temas do Evangelho de Marcos, indicando pensamentos e motivações de fé comuns. Mesmo assim, há algumas novidades em relação ao anterior.

Messianismo de Jesus reforçado

Como indicam Mateos e Camacho, "Jesus aparece neste evangelho como o Messias Salvador enviado por Deus, rei de Israel. [...] Jesus não corresponde à ideia de Messias nacionalista, político, libertador do jugo romano e vingador de Israel." Desde o capítulo 1, é dado a Jesus um caráter filial divino e uma messianidade muito acentuada.

Para que essa messianidade tenha um fundamento na tradição judaica, o Evangelho de Mateus se serve da fórmula de cumprimento das Escrituras em Jesus. Diversos textos fazem essa relação (1.22; 2.15,23; 4.14; 8.17; 13.35). Leonhard Goppelt (2003) entende que faz parte da compreensão que a comunidade tem de Jesus, pois ele mesmo praticamente não teria se colocado ness a posição, a não ser na confissão de Pedro (16.16) e no julgamento de Jesus (26.63).

Jesus como novo Moisés

Além dos 5 blocos de ensino, indicando uma nova Torá, há indícios que Jesus é identificado com Moisés no Evangelho de Mateus por diversos fatores:

- Relato da fuga para o Egito construído com similaridades com o relato do Êxodo (2.13-23). Herodes, como faraó, manda massacrar meninos, neste caso para impedir o Messias de viver. Em Mt 2.20, o texto chega a reproduzir o plural de Ex 4.19 - "os que queriam matar o menino já morreram" - quando José e Maria são chamados de volta do exílio auto-imposto no Egito. Jean Radermakers (2001) entende que o plural faz com que haja essa associação e a ideia de que cá (em Jesus) como lá (Moisés) há muitos poderes contra a vida.

- Encontro com Moisés no monte (17.1-13). Mesmo sendo um texto presente nos outros evangelhos, ganha um colorido especial em Mateus pela forma como ele conduz a narrativa. Ele fala que o rosto de Jesus "resplandecia como o sol e as suas roupas se tornaram brancas como a luz" (17.2), descrição exclusive aqui. Indica uma transformação gloriosa, como a de um anjo.

- Citação à cátedra de Moisés (23.2). Na crítica de Jesus aos fariseus em Mt 23, o Evangelho critica a estrutura sinagogal. Nela, a cadeira ou cátedra de Moisés era usada pela maior autoridade nas Escrituras. Mas sua prática é tão distante do discurso que os discípulos nem podem imitá-los, como fazem com Jesus. Moisés é a figura central desse processo de interpretação da Torá.

Um aspecto importante nessa dimensão teológica: Moisés, em Mateus, não é só o personagem do Pentateuco, mas também uma imagem apocalíptica muito popular entre o povo judeu no séc. 1 d.C. Segundo Paulo Roberto Garcia, "as alterações em Mateus refletem, portanto, o imaginário religioso do ambiente da comunidade mateana. Jesus é apresentado na perspectiva de Moisés, o da apocalíptica judaica, com características angelomórficas e místicas" (GARCIA, 2011, p. 43).

A Igreja como novo Israel

Muito também se tem falado sobre Mateus ser o Evangelho eclesiástico. Marconcini admite que "a dimensão eclesiológico é fortemente enfatizada" (2001, p. 131). Como já indicamos antes, é o único Evangelho que usa a palavra ***ekklesia*** (igreja). Mas não no sentido da igreja paulina, como uma comunidade que se reúne para adorar a Deus apenas. A igreja em Mateus tem valor missionário e salvífico, ao anunciar o reino dos Céus. Nesse sentido, a igreja passa a ser o novo Israel.

Ideia compartilhada pela comunidade de Marcos, tendo em vista ter chamado 12 discípulos para serem apóstolos. Um número simbólico, pois lendo as cartas de Paulo, fica evidente que ele e outros também eram reconhecidos como tais. No Evangelho de Mateus, porém, essa designação também ganha um tom especial, pois a missão deles é bem definida no cap. 10.

Mateus também destaca a Igreja como a detentora das chaves do reino de Deus (16.17-19; 18.18-20), expressão que não aparece nos demais Evangelhos. Curiosamente, Mateus reforça o fato do Evangelho ser primeiro para "as ovelhas perdidas da casa de Israel" (10.6); somente no fim abre para todas as nações (28.19a).



Figura 1: afresco da Igreja da Santíssima Trindade, na Croácia, ilustra o momento do Pentecostes. Em primeiro plano vemos Maria Madalena.

LUCAS-ATOS E O EVANGELHO PARA TODOS

A obra lucana, como ficou conhecida a obra dupla Lucas-Atos, talvez seja a que mais expressa uma autoria pessoal. Mesmo assim, pelo modo como o Evangelho de Lucas foi composto, ele acaba sendo um reedição dos outros sinóticos, mas com características próprias. Para pesquisadores como Paulo Lockmann (2011), tanto Lucas quanto Teófilo podem ser identificados historicamente. Por isso, excepcionalmente se pode pensar numa personalidade individual por trás da obra. Mas não se deve desconsiderar a participação da comunidade, até porque tudo indica que ele era da terceira geração de cristãos, e o texto reflete isso. Além disso, Fitzmyer (1986), após minuciosa pesquisa, concluiu que não temos como determinar nem mesmo quem de fato foi esse "Lucas", se o companheiro de Paulo, se era médio, se tinha origem judaica ou grega. Por isso, não nos deteremos nesse aspecto.

fatos e dados

As primeiras gerações de cristãos podem ser delimitadas assim: a primeira geração é a que andou com Jesus e que atuou nos primeiros anos após a ressurreição, pregando aos judeus (30-40); a segunda é a que expandiu o cristianismo pelo império romano (40-70); e a terceira geração é aquela que escreveu os evangelhos, mediante as mudanças que ocorreram com a queda de Jerusalém e a morte da maioria dos apóstolos (70-100).
Fonte: adaptado de Schlaepfer, Orofino E Mazzarolo (2005, p. 139-154).

Motivação para a composição

O prefácio de Lucas é o que traz mais informações sobre método e motivação. Richard Bauckham destaca que o uso de "testemunhas oculares" [***autoptais***], em Lc 1.2, não tem sentido jurídico-forense, como as testemunhas de um tribunal, mas "são simplesmente observadores de primeira mão dos acontecimentos" (BAUCKHAM, 2011, p. 154). Segundo o evangelista, o Evangelho está sendo escrito a esse Teófilo, "para que você tenha plena certeza das verdades em que foi instruído" (Lc 1.4). Neste caso, fica evidente que, sendo Teófilo um indivíduo histórico ou não, o objetivo do livro é instruir novos crentes.

Considerando o que já apontamos antes, o texto de Lucas foi escrito entre 80-90, mas de um lugar um pouco mais afastado que Mateus e Lucas. Por que podemos afirmar isso? Atos dos Apóstolos centraliza a missão de Paulo uma importante cidade: Antioquia da Síria. Ela se tornou um centro missionário muito importante já nas primeiras décadas do movimento cristão, especialmente depois da queda de Jerusalém. A cidade também tinha outra vantagem: era cosmopolita, onde ocidentais e orientais, judeus e helenistas se encontravam e conviviam bem. Lugar bem adequado para uma comunidade geradora do texto de Lucas. Por outro lado, há um desconhecimento da geografia da Palestina, de acordo com Koester (2005).

Outro aspecto importante é que Lucas-Atos é a única obra do Novo Testamento que menciona a ação da Igreja no ocidente, inclusive Roma. Além de Atos, as epístolas de Paulo também ajudam a ter uma ideia destas comunidades.

Estrutura literária

Veremos aqui como os dois textos se organizam, tendo em vista que, no Evangelho, vemos semelhanças com os anteriores enquanto Atos é um texto sem precedentes.

Lucas

Em linhas gerais, Lucas segue a estrutura de Marcos, com Jesus começando na Galileia e terminando em Jerusalém. No entanto, ele insere diversas narrativas complementares, como o relato da infância, para fortalecer a imagem que deseja de Jesus. Além disso, há no Evangelho de Lucas todo um grande bloco inexistente em Marcos, ainda que algumas histórias se encontrem no Evangelho de Marcos. O bloco de 9.51 a 19.28 forma uma seção completa, com diversos tópicos em que narrativa e ensino se entrelaçam. Isso tem um importante objetivo teológico, segundo Lockmann (2011). Sendo assim, podemos dividir o Evangelho de Lucas em quatro momentos:

1. Da infância ao início do ministério (1.1-4.13).
2. Ministério na Galileia e arredores (4.14-9.50).
3. A caminho de Jerusalém: o ministério em Samaria (9.51-19.28).
4. O relato da Paixão (19.29-24.53).

Lucas também tem bastante material exclusivo, que auxilia a elaboração de seu objetivo.

Atos

O Livro de Atos dos Apóstolos começa de onde parou o Evangelho, com uma ampliação do diálogo de Jesus com os discípulos que, na verdade, estabelece o programa da obra: serão testemunhas em Jerusalém, depois na Judeia e Samaria, e até os confins da terra (At 1.8). Considerando o que já vimos em nosso estudo, Roma é colocado aqui como confins da terra, portanto, ao terminar a obra lá, o autor tem plena consciência do que está fazendo.

Atos também é importante por inserir o apóstolo Paulo na tradição evangélica. Como ele não testemunhou os dias de Jesus, somente deste modo, Paulo pôde entrar na memória narrativa do cristianismo. Se Paulo antes era conhecido pelas suas cartas, agora ele faz parte da história apostólica pós-ressurreição.

Sobre o estilo de Atos, Fabris afirma que a sábia distribuição do material, segundo os diversos gêneros literários e a estudada dosagem das várias sequências narrativas, alternadas com os trechos discursivos, já revela no autor do referido livro as qualidades de um escritor hábil e atento (FABRIS, 1991, p. 19).

Desse modo podemos dividir Atos da seguinte forma:

- 1.1-5: Introdução e retomada da obra.
- 1.6-2.47: A descida do Espírito e o início da comunidade de Jerusalém.
- 3.1-8.3: Missão em Jerusalém.
- 8.4-12.25: Missão na Judeia e Samaria.
- 13.1-15.35: Rumo aos confins da terra: a missão aos gentios.
- 15.36-20.38: Missão na Ásia e Grécia.
- 21.1-28.31: Paulo e a missão aos confins da terra: de Jerusalém a Roma.

Aspectos teológicos

Atos-Lucas têm muita relação entre si, considerando que foram escritos pelas mesmas mãos. Mesmo assim, há aspectos próprios em Lucas, enquanto Atos segue o primeiro em outros temas:

Temas próprios de Lucas

Humildade e realeza no nascimento de Jesus

Diferente de Mateus, o relato de infância de Jesus em Lucas enfatiza o contraste entre humildade e realeza. Alguns aspectos evidenciam isso:

- O rei nasce numa manjedoura – 2.5-7.
- Os primeiros a adorarem o rei são pastores – 2.8,16.
- A criança conversa com os doutores em Jerusalém – 2.46s.

Jesus, o Messias profeta

Em Lucas, a jornada para Jerusalém é a jornada do profeta e o tema mais importante no Evangelho. Passar por Samaria é fundamental nesse sentido, porque a tradição profética tem muitos nomes importantes nessa região. Assim, o Jesus do Evangelho de Lucas tem o caráter de um profeta, o que é mostrado em alguns aspectos:

- João Batista como profeta precursor (Lc 3.1-20), de quem Jesus dá testemunho (Lc 7.26s).
- Na pregação em Nazaré, Jesus mostra que sua missão é determinada pela profecia (Lc 4.16) e, como profeta, sua rejeição não é surpresa (Lc 4.24). Neste ponto ele fala de Elias e Eliseu, paradigmas de profetas em Samaria.
- Em Naim, o povo o aclama como profeta (7.16).
- Jesus em direção a Jerusalém se identifica com os profetas (Lc 13.33,34).
- Na pregação de Pedro em Atos 2.14-36, ênfase no cumprimento profético da vontade de Deus em Jesus.

Temas comuns a Lucas-Atos

O começo (Jesus) e a continuidade (apóstolos) da história da salvação

Existe em Lucas uma visão, que depois é desdobrada em Atos, de que o evento Jesus acontece na história e inicia a história da salvação. Como marca disso, há uma insistência em Lucas-Atos de indicar acontecimentos do mundo em geral para estabelecer uma relação cronológica com sua audiência, como continuidade dessa história, conforme a seguir:

- Lc 1.5: indica o nascimento de João Batista nos dias de Herodes.
- Lc 2.1-4: trata do censo no império para verificar o número de habitantes das províncias. A narrativa ajuda a situar o período em que isso acontece.
- Lc 3.1-2: indica os governantes do período do ministério de João Batista e também de Jesus.
- Lc 3,23-38: apresenta a idade em que Jesus começou seu ministério e sua árvore genealógica, indicando sua relação com a tradição israelita mas também com toda a humanidade.
- At 11.27-28: prenúncio de uma fome no mundo, nos dias do imperador Cláudio.
- At 12.20-23: a morte de Herodes Antipas.
- At 18.12: perseguição no período de Gálio como procônsul da Acaia.
- At 24.25-30:26-27: Paulo preso durante sucessão de Félix por Pórcio Festo.

Por isso, Lucas-Atos tem sido pensada como uma obra historiográfica. Mas não se pode esquecer a dimensão salvífica que faz parte dessa historiografia. Segundo Kümmel (1982), a manifestação do Espírito é a versão lucana do advento do reino de Deus.

Testemunho como martírio

A obra Lucas-Atos mostra que Jesus, em sua morte, estabelece o parâmetro do martírio. Isso fica bem evidente quando comparamos com o martírio de Estevão:

- Lc 23.34 comparar com At 7.60: perdoam seus executores.
- Lc 23.46 comparar com At 7.59: entregam seu espírito a Deus.
- Estevão contempla Jesus ao lado de Deus no martírio – At 7.56.

Muitos pesquisadores entendem que Atos dos Apóstolos - e no caso Lucas também - iniciam a teologia do martírio, que foi central para o cristianismo dos séculos 2 e 3.

A ação motivadora do Espírito Santo

Falamos antes que a manifestação do Espírito é a forma de Lucas mostrar o advento do reino de Deus. A análise da ação do Espírito em Lucas-Atos confirma isso. Pode-se falar num Evangelho Pneumatológico. Claro que o centro da fé é Jesus, mas Lucas estabelece o meio de ação de Jesus e dos apóstolos: o Espírito Santo. Vemos essa ação em diversos trechos:

- Lc 1.15,35: profecia sobre o Espírito na criança.
- Lc 4.1: Jesus, cheio do Espírito Santo, é guiado para o deserto.
- Lc 4.18ss: Jesus declara que recebeu o Espírito para cumprir a missão do Pai.
- At 1.8: promessa do Espírito para que a Igreja seja Testemunha.
- At 2.4: as pessoas recebem o Espírito (cf. tb 4.31; 8.17; 10.44s; 13.52; 17.6).
- Lc 11.13; At 2.33,38: o Espírito como promessa aos crentes.
- Lc 12.12; At 4.8; 7.55; 9.17: o Espírito inspira o discurso.
- Lc 2.25; At 6.3; 11.24; 13.9: o Espírito como critério para pessoas justas e bons obreiros.
- At 8.39; 13.2,4; 16.6,7; 21.4: o Espírito determina os rumos da missão.
- A continuação da missão de Jesus é feita pela Igreja, movida pelo Espírito Santo (At 2.32; 3.15; 4.33; 5.32; 7.44; 10.39,41; 13.31; 18.35; 20.24; 28.23).

reflita

Apesar de os Evangelhos Sinóticos serem parecidos, percebemos que eles têm sua marca própria, seu jeito específico de contar a história de Jesus. O que isso quer dizer, afinal? Como entender essas diferenças? Devemos pensar que, ao contar a história de Jesus, cada comunidade também falava de si mesma. Até a obra lucana, que pode ter sido escrita por uma pessoa específica, tem essa característica. Mesmo assim, todos são unânimes em afirmar: Jesus é o Messias, o Cristo, ressuscitou e nós cremos que ele vive.

Jesus o Caminho e a Igreja do Caminho

Como quarto destaque que podemos está a imagem do "Caminho". No ministério de Jesus, o destaque de Lucas é que está sempre a caminho, usando o verbo ***po-reuomai*** (viajar), de acordo com a pesquisa de Paulo Lockmann (2011). Somente no bloco da passagem por Samaria, o autor faz uso desse verbo 6 vezes. Ou seja, Jesus faz caminho, enquanto exerce seu ministério. Em especial em Lucas 24.32 e 35, o caminho (grego "hodós") ganha uma conotação diferenciada. Os discípulos de Emaús encontram-se com Jesus, não o reconhecem, mas enquanto conversam no caminho, sentem o coração ardendo, indicando a ação do Espírito neles.

Por sua vez, em Atos, por diversas vezes, o Caminho não se refere a viagens ou percursos, mas à fé em Cristo. Aparentemente, era uma maneira de os cristãos serem identificados, "os do Caminho" (At 9.2; 16.17; 18.25s; 19.9,23; 22.4; 24.14; 24.22). Lucas-Atos mostra então a Igreja a caminho, seguindo o Caminho. Isso tanto identifica que é uma Igreja em ação que está em constante itinerância missionária, como também que tem um modo específico de ser, identificado com a vida de Jesus de Nazaré, que Deus ungiu com o Espírito Santo e que "andou por toda a parte, fazendo o bem e curando todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele" (At 10.38).

atividades de estudo

1. Associe a coluna da direita com a da esquerda, indicando as comunidades por trás dos livros.

   A) Evangelho de Marcos.
   B) Evangelho de Mateus.
   C) Evangelho de Lucas.
   D) Atos do Apóstolos.

   ( ) Comunidade cristã-judaica vivendo os perigos e incertezas da Guerra Judaica.
   ( ) Comunidade que tem memórias dos apóstolos sobre os primeiros anos da igreja.
   ( ) Comunidade cristã-judaica, que debate com outros grupos judaicos qual é o verdadeiro judaísmo.
   ( ) Comunidade que está num ambiente plural, afastado da Palestina.

   Marque a alternativa correta.

   a) A, D, B, C.
   b) D, A, C, B.
   c) B, C, A, D.
   d) A, B, C, D.
   e) A, B, D, C.

2. Assinale a alternativa correta. Por que Mateus, Marcos e Lucas são chamados de Sinóticos?

   a) Porque os três podem ser estudados em conjunto, por causa das semelhanças.
   b) Porque os três não podem ser estudados em conjunto, por causa das diferenças.
   c) Porque Lucas foi o primeiro a ser escrito e Mateus e Marcos se basearam nele.
   d) Porque o Evangelho de João não corresponde em nada aos outros.
   e) Nenhuma das afirmativas está correta.

atividades de estudo

3. Indique se as afirmações são verdadeiras ou falsas.

( ) Os Evangelhos Sinóticos foram escritos pouco antes da Guerra Judaica.
( ) A datação de cada Sinótico pode ser indicada pela análise do livro.
( ) Os cinco blocos de ensino em Mateus dão a ideia de que esse Evangelho é a Torá de Jesus.
( ) O Espírito Santo é o tema central em Atos dos Apóstolos, mas não aparece no Evangelho de Lucas.

Marque a alternativa correta.

a) F, F, V, V.
b) V, F, F, F.
c) F, V, V, F.
d) F, F, F, V.
e) V, V, V, F.

4. A composição dos Evangelhos foi realizada a partir de que processo:

Assinale a alternativa correta.

a) Interdependência oral e escrita.
b) Dependência direta.
c) Testemunhos oculares e Tradição de Jesus.
d) Interdependência oral.
e) Testemunhos oculares colocados por escrito.

resumo

Chegamos ao final desse estudo com alguns conceitos relacionados aos Sinóticos. O primeiro deles é o próprio termo "sinóticos". Usamos esse termo para indicar que os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são muito semelhantes na estrutura literária e podem ser estudados em conjunto. Dessa forma, se pode perceber melhor as semelhanças e diferenças entre eles.

Outro aspecto muito importante é a autoria. Vimos que, apesar da Igreja ter associado o texto a estes nomes - além de João - não há comprovação real de que foram eles que escreveram. Considerando tudo o que vimos em nossos estudos, ao considerar o texto fruto de comunidades, os nomes dos Evangelhos passam a ser apenas referência. O único, cujo nome talvez possa se referir ao autor, é Lucas; mesmo assim não podemos desconsiderar a comunidade por trás dele. Além disso, verificamos que os três surgiram entre as décadas de 60 a 90 do Século 1 d.C. Tudo indica que Marcos foi o primeiro, provavelmente na Transjordânia, e Mateus e Lucas ao menos uma década depois, sendo o primeiro na Galileia e o segundo fora da Palestina, talvez em Antioquia.

Ao analisar cada evangelho, vimos a motivação deles: Marcos foi escrito sob os medos da Guerra Judaica, Mateus no ambiente pós-Templo, debatendo com os demais grupos judaicos, e Lucas num ambiente mais cosmopolita, voltado para judeus e gentios, ampliando a visão, a tal ponto que surgiu a segunda obra, Atos dos Apóstolos.

Essa motivação específica, longe de afastar os textos, deu um colorido especial ao conjunto, mostrando que a mensagem de Jesus era interpretada segundo a realidade de cada comunidade. Quando analisamos a estrutura literária e a teologia de cada um, fica claro que as semelhanças não impediram que cada texto tivesse sua marca própria.

Assim, os Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas surgiram como propostas de falar de Jesus, seu ministério e o mais importante, sua morte e ressurreição, cada um do seu jeito.

material complementar

Os Evangelhos Sinóticos. Origens, memória e identidade
Autor: Marcelo Carneiro
Editora: Fonte Editorial, Edições Terceira Via



Sinopse: A investigação sobre os Evangelhos Sinóticos, hoje, divide-se em duas vertentes. Uma delas busca o Jesus Histórico que está por trás do texto, comunicando os evangelhos a partir de suas palavras e atitudes. A outra vertente da pesquisa oferece viés diferente. Mesmo tendo os evangelhos sua origem última pessoa de Jesus, eles refletem a maneira como as comunidades de seguidores do nazareno compreenderam e propagaram sua mensagem. Nesse foco, a busca não está na pessoa de Jesus em si, mas nas comunidades geradoras dos textos.

Comentário: Essa obra tem estreita relação com o conteúdo de nosso curso, aprofundando os temas discutidos aqui, além de trazer uma análise aprofundada sobre a identidade das comunidades a partir do texto sobre o sábado.

Massada
Ano: 1981



Sinopse: No ano 66, os Zelotas lideraram uma formidável revolta que se alastrou da Galileia à Idumeia, mobilizando as diversas e conflitantes facções judaicas. Roma só conseguiu sufocar a rebelião deslocando para a Judéia tropas de elite. O derradeiro foco da resistência judaica localizou-se em Masada, uma fortaleza localizada no topo do penhasco rochoso isolado, na extremidade ocidental do deserto da Judéia, onde cerca de 800 zelotas travaram uma batalha contra cerca de 5.000 romanos. A história do cerco e tomada de Massada é contada nesse filme de Boris Sagal, com o consagrado ator britânico Peter O'Toole interpretando o comandante romano Flávio Silva e o americano Peter Straus no papel do líder Zelota, Ben Jair.

Comentário: Ainda procurando entender melhor o momento da Guerra Judaica, vale a pena assistir essa obra. Considerando que os Evangelhos escritos nasceram a partir desse evento, é de suma importância nos cercarmos de mais dados. Esse filme ajudará bastante nessa composição do cenário global.

referências

BERGER, K. **As formas literárias do Novo Testamento.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CARNEIRO, M. **Os Evangelhos Sinóticos:** origens, memória e identidade. São Paulo: Fonte Editorial, Terceira Via, 2016.

CROSSAN, J.D. **O nascimento do Cristianismo**. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

FABRIS, R. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

FITZMYER, J.A. **El Evangelio Segun Lucas**. I - Introduccion General. Madrid: Ediciones Cristandad, 1986.

GARCIA, P. R. Imagens de Moisés e Jesus no Evangelho de Mateus: Moisés no imagético apocalíptico do primeiro século. In: RENDERS, H., SOUZA, J.C. (Org.). **Teologia Wesleyana, Latino-americana e global.** Uma homenagem a Rui de Souza Josgrilberg. São Paulo: Editeo, 2011.

GOPPELT, L. **Teologia do Novo Testamento**. Prefácio de Martin Dreher. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. História e literatura do cristianismo primitivo. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

KÜMMEL, W.G. **Introdução ao Novo Testamento.** 2. ed. Tradução da 17a ed. São Paulo: Paulus, 1982.

LOCKMANN, P.T. de O. **Jesus, o Messias Profeta (Lucas 9.51-19.48)**. São Paulo: Editeo, 2011.

LUZ, U. **El Evangelio Segun San Mateo**. Mt 8-17. Vol.II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2001.

MARCONCINI. B. **Os Evangelhos Sinóticos**. Formação, redação, teologia. São Paulo: Paulinas, 2001.

Novo Testamento, Salmos e Provérbios. Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3. ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

referências

RADERMARKERS, J. **Lettura pastorale del Vangelo di Matteo.** Bologna: EDB, 2001.

SCHLAEPFER, C.F., OROFINO, F.R., MAZZAROLO, I. **A Bíblia. Introdução historiográfica e literária.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHOTTROFF, Luise. **As parábolas de Jesus.** Uma nova hermenêutica. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

SCHWEIZER, E. **Il Evangelio secondo Mateo**. Brescia: Paideia Editrice, 2001.

resolução de exercícios

1. a) A, D, B, C.
2. a) Porque os três podem ser estudados em conjunto, por causa das semelhanças.
3. c) F, V, V, F.
4. a) Interdependência oral e escrita.